

O MARIDO VAI À CAÇA *

“O marido vai à caça”, de G. Feydeau é a peça que o Teatro Maria Della Costa estreou na quarta-feira passada sob a direção de Maurice Vaneau.

Elenco: Adriano Stuart, Elias Glejzer, Fernando Balleroni, Ilena de Castro, Luciano Gregory, Maria Della Costa, Sebastião Campos e Tina Rinaldi.

Cenários de Maurice Vaneau e Figurinos de Marie Claire.

Tradução de Mario da Silva.

A EXPERIÊNCIA

“Sempre pensei que levar uma peça de Feydeau fosse bastante fácil porque se trata de um autor de expressão francesa, dentro de nosso espírito. Verifiquei aqui, ao contrário, que é muito difícil. É quase como levar Shakespeare”, diz o diretor.

Maurice Vaneau é belga. Foi convidado por Sandro Poloni – empresário do Teatro Maria Della Costa – para dirigir a peça em São Paulo. Ele relata a experiência de trabalho entre atores brasileiros. Não é a sua primeira experiência no gênero, mas é nova e única porque fazer “teatro é sempre uma experiência nova”, afirma.

Feydeau equivale a Shakespeare?

“Muita gente vai pular com esta minha afirmação, mas Feydeau equivale a Shakespeare: é um autor extraordinário de personalidade e invenção delirante”.

Depois desse hiato, pois a dificuldade não está em Shakespeare, continua o diretor: “Já experimentei essa mesma dificuldade com Marivaux, nos Estados Unidos. É o que acontece nos países jovens onde os atores pertencem a um mundo em que não há tradição clássica no teatro”.

O motivo que o trouxe ao Brasil, portanto, foi o de fazer teatro de qualquer maneira. Além disso, crê que é importante para um diretor a oportunidade de dirigir uma peça com atores estrangeiros em língua diferente.

Porque está com a peça “até o pescoço”, isto é dando muito trabalho, não pode decidir ainda sobre as propostas que recebeu de ficar mais um pouco em São Paulo. Diz que os atores têm de ensaiar muito mais que os franceses o que não significa que para estes seja fácil fazer peças como “O marido vai à caça”. “Contando as interrupções, estamos ensaiando há seis meses”.

Sob o ponto de vista dos atores brasileiros, afirma ser importante trabalhar com diretores estrangeiros a exemplo do que se faz nos teatros europeus. Não pensa que desse lado lhe advenham as dificuldades e se explica: “tenho um método pessoal, mas não um método com M maiúsculo. Trabalhamos num clima de compreensão”.

A PEÇA

“Há várias razões pelas quais escolhemos essa peça. Uma delas foi em função do pessoal existente na companhia. A peça de Feydeau tem um papel excelente para Maria. Suas mulheres são pintadas de maneira exata ao lado do egoísmo dos homens. Maria já havia feito o papel com um diretor italiano e tínhamos também o triângulo amoroso: o amante desempenhado por Sebastião Campos e o marido por Fernando Balleroni.

A qualidade da peça foi uma segunda razão. Do teatro de Feydeau podemos dizer que não envelheceu, apesar de que na época os inevitáveis críticos teatrais o consideravam como “amuseur” e consideravam a outros como geniais. Estes desapareceram e Feydeau, ao contrário, continua tendo êxito. “Hoje em dia acontece um pouco assim também”.

* In: **O Estado de S. Paulo**, São Paulo, p [?], 24 ago.1962.